

## Elmano a Gertrúria

### **Bocage**

Enviado por:

Publicado em : 06/10/2008 15:50:00

Cá do pé das gangéticas ribeiras,  
Inimigas da paz, e da alegria,  
Cá dentre serpes, tigres, e palmeiras:  
A ti, bela Gertrúria, Elmano envia  
Seus gemidos terníssimos, e ardentes  
Sobre as cinzentas asas da Agonia.  
Se o teu fiel carácter não desmentes,  
Se inda em teu coração não teve entrada  
A variedade, o vício, dos ausentes;  
Se do voto recíproco lembrada  
Suspiras por me ver, como suspiro  
Por dar-te beijos mil na mão nevada;  
Chorando escutarás o que profiro:  
Estes queixumes vão, que entrego aos ares,  
Estes inúteis ais, que da alma tiro.  
Do santo abrigo de meus deuses lares  
Pela Sorte cruel desarraigado,  
E exposto em frágil quilha a bravos mares;  
Sobre as espaldas do Oceano inchado,  
Dirijindo tristíssimo lamento  
Contra o céu, contra Amor, e contra o Fado;  
Debalde conjurando o rouco vento,  
Em vão pedindo a Tétis sepultura  
Nas entranhas do mádido elemento:  
Pus, finalmente, os pés onde murmura  
O plácido Janeiro, em cuja areia  
Jazia entre delícias a ternura.  
Ali, como nas margens de Ulisseia,  
Prendendo corações brincavam, riam  
Os filhinhos gentis de Citereia;  
Mil Graças, que a vanglória trocariam  
Em vergonhosa inveja à tua vista,  
Usurpar-te meus cultos presumiam;  
Eis olham como fácil a conquista;  
Mas a fé me acompanha, a fé me alenta,  
E constância me dá, com que resista.  
Este combate a glória me acrescenta:  
Conhece-se o valor do navegante  
Em tenebrosa, horrísona tormenta.  
Contemplando na ideia o teu semblante,

Pude evitar o escolho, onde naufraga  
O coração mais livre, e mais constante;  
Um virtuoso amor nunca se apaga:  
O tiro de outra mão não faz emprego  
Aonde a tua abriu tão doce chaga.  
Sempre no mais cruel desasossego,  
Sempre comigo mesmo em viva guerra,  
Às vastas ondas outra vez me entrego.  
Os negros furacões Eolo encerra,  
Até que aos frouxos olhos se me of'rece  
O bruto Adamastor, filho da Terra.  
Vê-me o monstro, que ainda não se esquece  
Da nossa antiga audácia, e logo exclama  
Com voz horrível, que trovão parece:  
"Oh tu, que de uma vã, caduca fama,  
De uma ilustre quimera ambicioso,  
A estrada vens saber do afoito Gama;  
Tu, dos servos de Amor o mais ditoso,  
Se as desordens fatais da louca idade  
Te houvesse reprimido o céu piedoso;  
Tu, que de uma terrestre divindade  
Memorando os encantos, e os agrados,  
Deliras entre as garras da saudade;  
O modelo serás dos desgraçados,  
Porque mais, ó mortal, a ver não tornas  
Meigos olhos, por Vénus invejados.  
As correntes de lágrimas, que entornas,  
Os suspiros, que exalas de contínuo,  
A singular paixão, de que te adornas,  
Nada revoga as ordens do Destino:  
Que eu de opaca procela estenda o manto  
Quer, e ao fatal decreto a frente inclino;  
Mas a tua aflição move-me tanto,  
Que os olhos meus, a permiti-lo a Sorte,  
Saberiam, por ti, que coisa é pranto.  
Das entranhas do inferno arranco a morte,  
Que a lei do Fado, a meu pesar, me obriga  
A que a vida misérrima te corte.  
Mares, lambei dos céus a base antiga,  
Morra Elmano; adejai, ddragões do Averno,  
Sobre o veloz baixel, onde se abriga!"  
Disse dos nautos o inimigo eterno,  
E aos ares arrojou no mesmo instante  
Medonhas trevas, pavoroso inverno.  
O céu troveja, Eolo sibilante  
Ora aos abismos, ora aos astros leva  
Entre as asas da morte o lenho errante:  
Sobre ele o mar violento a fúria ceva,  
Rebentam cabos, não governa o leme,

Consternada celeuma ao ar se eleva.  
Em tanto horror meu coração não treme,  
Antes se alenta, agradecendo ao Fado  
Um bem, que impora, - a morte, que não teme.  
"Parcas! (eu grito) ó deusas, que a meu lado  
Andais brandindo as foices carniceiras,  
Inclinaí para cá seu gume ervado:  
O golpe em mim descarregai ligeiras,  
Enquanto of'reço à cândida Gertrúria  
O final pranto, as vozes derradeiras."  
Céus! Que prodígio! O vento aplaca a fúria,  
E a teu nome adorado a própria Morte  
Não ousa, em dano meu, fazer injúria;  
Teu nome vence a cólera da Sorte:  
Torna a luz, foge a sombra, e já mil vivas  
Os muros vão ferir da etérea corte:  
Só eu choro o prazer, que tu motivas,  
Só eu sinto escapar deste perigo,  
Só eu culpo as estrelas compassivas.  
A próspera derrota assim prossigo,  
Até que vejo, e piso a sepultura  
Dos tristes, que não tem na pátria abrigo.  
Aqui vai sempre a mais minha amargura,  
Aqui, pela Saudade envenenado,  
Como espectro acompanho a Noite escura:  
Aqui ninguém me atende, (oh negro fado!)  
Nem deuses, nem mortais, ninguém me atende:  
Tão molesto se faz um desgraçado!  
Só teu suave nome, a quem se rende  
O próprio deus de amor, algum momento  
Meu pranto enfreia, minhas ânsias prende.  
Sou qual febricitante, que sedento  
Em libar fresca taça alívio goza,  
Afiando com ela o sofrimento.  
Ai gesto encantador, face amorosa,  
Que me inspiraste da paixão mais pura  
A doce chama, a chama deleitosa!  
Que torrente de gosto, e de ternura  
Fizeste borbulhar no meu semblante,  
Enquanto o permitiu minha ventura!  
Qual na cálida sesta o caminhante,  
Que em despenhada fonte, amena, e fria  
Matar o vivo ardor vai anelante;  
Tal nas asas do júbilo eu corria  
A saciar em ti, vista adorável,  
O sequioso amor, que em mim fervia.  
Oh lúbrico prazer! Fortuna instável!  
Apenas fui feliz, fui desgraçado:  
Oh catástrofe acerba, e deplorável!

Mas tu, Gertrúria bela, ídolo amado,  
Tu, meu único bem, cuja mudança  
Me faria acabar desesperado,  
Por piedade não percas da lembrança  
O terno adeus, e as lágrimas, e os votos,  
Com que ele vigorou minha esperança.  
Vê que, entregue ao furor de horríveis Notos,  
Vim, só por me fazer de ti mais digno  
A climas, do meu clima tão remotos.  
Semblante, para mim sepre benigno,  
Reserva-me um sorriso: ele somente  
Pode o meu astro serenar maligno;  
Eles só me fará viver contente:  
Só nele está suspensa a minha glória,  
Só dele o meu sossego está pendente:  
Voemos para o templo da Memória,  
Nossa fidelidade ao orbe espante,  
E sirva de modelo a nossa história;  
A todo o baixo espírito inconstante  
Para castigo apontem-lhe a firmeza  
Do triste Elmano, e de Gertrúria amante;  
Obra a mais singular da Natureza,  
Erário dos seus dons, conheça o mundo,  
Que és tão rara em amor, como em beleza;  
Abunda nas saudades, em que abundo,  
Manda-me lá desses ditosos lares  
Nas asas da ternura um ai profundo,  
Não tope densa nuvem pelos ares,  
Que a fortaleza, que o valor lhe tire:  
Venha, ah! Venha, apesar de imensos mares,  
E em meus ouvidos, fatigado, expire.

\*\*\*\*\*